

Cerâmicas dos séculos XIV a XVI do Castelo de Sesimbra*

ANA ISABEL VIEIRA

RESUMO

Estudo de um conjunto de cerâmica proveniente das escavações arqueológicas no Castelo de Sesimbra (Setúbal; Portugal), campanha de 1998. Trata-se de uma amostra proveniente de uma única sondagem, e inclui cerâmica comum, cerâmica vidrada e cerâmica esmaltada, das oficinas espanholas (Sevilha, Paterna, Manises) às porcelana chinesas, passando pelas produções italianas de Pisa e Veneza. As cronologias apontam um período situado entre os séculos XIV e XVI.

Palavras-chave: Sesimbra – Cerâmica – séculos XIV-XVI

ABSTRACT

Description of a ceramic assemblage from an archaeological excavation in Sesimbra's Castle (Setúbal; Portugal), in 1998. All sherds came from a single sounding, and consist of plainware, glazeware (from Seville to Italian majolicas) and lusterware (produced in spanish pottery centres of Paterna and Manises), as well as chinese porcelain. The cronology stands between the 14th and 16th centuries.

Keywords: Sesimbra – Pottery – 14th-16th centuries

* Este artigo resume a investigação realizada no âmbito do Trabalho Final de Licenciatura, apresentado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em Dezembro de 2002. Foi orientado pela Professora Doutora Rosa Varela Gomes, a quem agradecemos. São ainda devidos agradecimentos à CM Sesimbra, particularmente ao Dr. Luís Ferreira, pela disponibilização dos materiais arqueológicos em estudo. E-mail: anaisvieira@gmail.com

«O castelo é estação (especialmente da época medieval) que não foi detectada por prospecções, nem resultado de achado ocasional. Estava detectado pela sua evidente presença, desde que como estação arqueológica fosse tomado, e não como simples ruína pitoresca e evocativa»
Serrão, 1967, p. 7

1. INTRODUÇÃO: O CASTELO DE SESIMBRA

O castelo de Sesimbra situa-se na faixa costeira ocidental do território português, no extremo sudoeste da Península de Setúbal, e o território onde se integra está envolvido a Oeste e a Sul pelo Oceano Atlântico.

O cerro onde se encontra o castelo é uma das principais aplanagens acima dos 200 metros, no complexo geomorfológico da Serra da Arrábida onde, num litoral de arribas, Sesimbra constitui excepção, apresentando um corredor que permite fácil progressão para os territórios do interior.

A fortificação foi conquistada ao domínio islâmico por D. Afonso Henriques em 1165, e posteriormente reconquistada por Iacube Almansor em 1191, que terá arrasado as muralhas (Mendonça, 1994, p.15). A posição seria recuperada por D. Sancho, com o auxílio de cruzados francos, a quem o monarca logo em 1195 faz doação da vila e castelo, ainda que a conquista só venha a acontecer em 1200 (Ferreira e Gonçalves, 2001, p.386). O primeiro foral é outorgado em 1201. D. Sancho II, em 1236, entrega o castelo e a vila aos freires de Santiago, cabendo a D. Dinis a elevação da vila a concelho em 1323 (Mendonça, 1994, p.22).

Nasce entretanto um pequeno núcleo populacional, junto ao mar, na actual vila de Sesimbra, que não mais cessará de crescer, atraindo cada vez maior número de efectivos populacionais. Será esta freguesia da Ribeira uma das causas da pro-

gressiva desertificação do núcleo fortificado do Castelo, a quem D. Manuel outorgará novo foral em 1514 (Chorão, 2001).

Em 1648, D. João IV ordena a recuperação das muralhas, e a construção de baluartes, sinal dos tempos da Guerra da Independência (Ferreira e Gonçalves, 2001, p.388).

1.1 As muralhas

Dois espaços funcionais, independentes entre si, constituem o castelo de Sesimbra: a alcáçova, sede do poder administrativo e guerreiro, situada no ponto mais elevado do cerro, e a cerca muralhada, delimitando o núcleo populacional (fig. 1).

Na alcáçova, ocupando posição de canto, encontra-se a Torre de Menagem, de planta quadrangular, e porta ao nível do primeiro andar (fig. 2). À sua frente uma outra torre, à esquerda da porta, também em posição de canto. As muralhas da alcáçova protegem ainda a Casa do Alcaide², uma moradia de primeiro andar, com uma série de divisões funcionais e de habitação, que incluía uma cisterna.

A Porta do Sol ou de Azeitão, virada a nascente, é porta principal da cerca. Está defendida por duas pequenas torres adossadas à cintura muralhada (com a altura desta, ameadas), e dela deveria partir a principal rua da povoação (fig. 3). Existe ainda a Porta da Azóia, que dispõe de uma entrada em cotovelo, na esteira da tradição muçulmana, e está situada a Noroeste, na cerca.

No reinado de D. Dinis implanta-se a Torre Poente, na vertente Oeste do núcleo fortificado.

Algumas estruturas e infraestruturas, como cisternas, silos, açougue, celeiro e hospital, constituiriam o equipamento urbano deste núcleo populacional, como de outros com idêntica ocupação medieval.

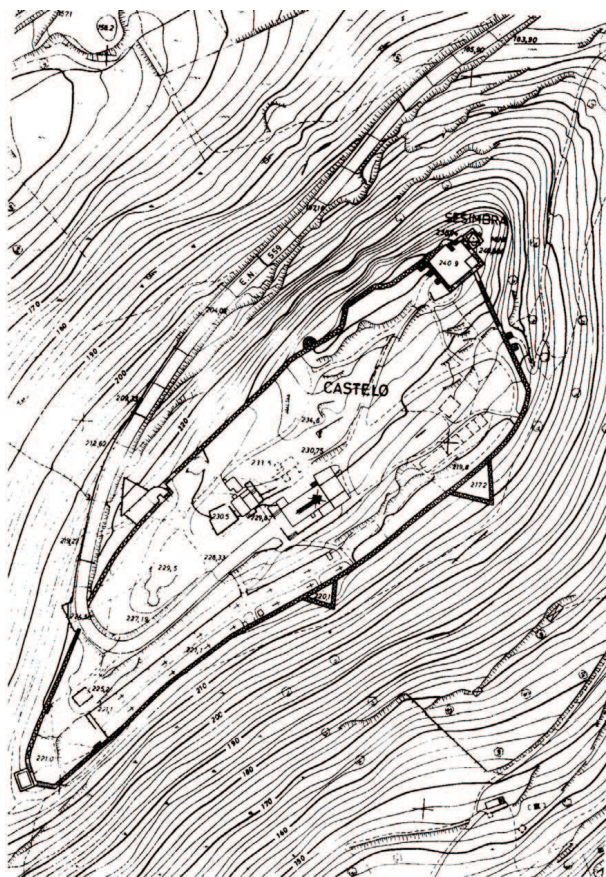


Fig. 1 – Planta do Castelo de Sesimbra, carta militar 464, escala 1:25000

² Descrita pela *Visitação do Senhor D. Jorge*, filho de D. João II e prior-mor da Ordem de Santiago no século XVI, esta estrutura foi detectada e escavada em 1972 por Eduardo da Cunha Serrão e Vítor e Susana Oliveira Jorge (Jorge e Serrão, 1975).

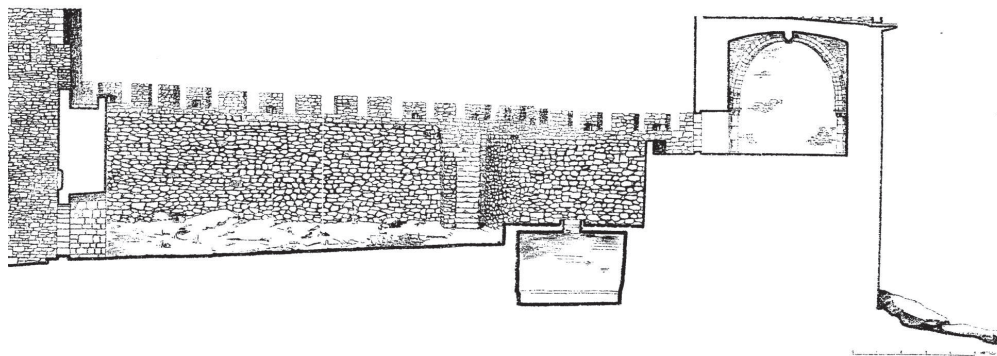


Fig. 2 – Corte N-S da Alcáçova do Castelo de Sesimbra: Torre de Menagem e Cisterna (des. DGMEN)



Fig. 3 – Porta do Sol (des. DGMEN)

1.2. A intervenção arqueológica

A Câmara Municipal de Sesimbra tem vindo a promover, desde 1993, um projecto de revalorização do castelo, enquanto espaço cultural e de lazer. No âmbito deste projecto têm sido realizados trabalhos arqueológicos, sob alçada daquela entidade.

As peças cujo estudo apresentamos, integram-se no espólio arqueológico resultante da intervenção de 1998, sob direcção do Dr. Luís Pinhal Ferreira, arqueólogo da Câmara Municipal de Sesimbra. Esta campanha pautou-se pela realização de três sondagens arqueológicas de diagnóstico, implantadas em áreas onde o projecto de revalorização previa afectação do subsolo. Desta intervenção resultou um conjunto vasto de espólio arqueológico, cronologicamente diversi-

ficado (do século XIV à actualidade), de que escolhemos estudar a cerâmica da Sondagem C, por se apresentar tipologicamente mais diversificada.

A Sondagem C foi implantada na zona Este do núcleo fortificado, perto da Porta do Sol, no exterior de uma estrutura que tem vindo a ser interpretada como Casa da Vereação. A intervenção evidencia fraca potência estratigráfica, onde ainda assim foi possível identificar cinco níveis, nos quais se recolheu, além da cerâmica, materiais de construção, restos ósseos e espólio monetário.

2. AS CERÂMICAS

A amostra que estudámos reúne apenas os fragmentos contendo porção de bordo ou fundo, ou decoração assinalável. Daqui resultou um total com cerca de 200 fragmentos, divididos entre cerâmica comum, vidrada e esmaltada. A cerâmica comum comporta ainda o conjunto de pastas claras (bege e rosado) e o de pastas castanhas, vermelhas, laranja e negras, de longe mais numerosas. Trata-se de um lote extremamente fragmentado, com poucas peças passíveis de colagens. Ainda assim, pensamos que constitui uma amostra exemplificativa dos materiais de cronologia medieval e moderna, provenientes do Castelo de Sesimbra.

Neste artigo centraremos a nossa atenção no conjunto das cerâmicas datáveis entre os séculos XIV e XVI.

2.1. Cerâmicas com superfícies esmaltadas

Identificámos apenas um fragmento com ambas as superfícies esmaltadas a verde, sendo que a superfície interna apresenta tonalidade mais clara. Trata-se de um prato ou taça com base reentrante, sugerindo ônfalo interior. As paredes têm 0,9 cm de espessura. A pasta é bege (10YR 8/3), bem depurada e homogénea.

Muito mais numeroso, o conjunto das cerâmicas com ambas as superfícies esmaltadas a branco, e sem qualquer tipo de decoração, divide-se em pratos e malgas. Dispomos de um exemplar de prato com fundo reentrante, e ônfalo inte-

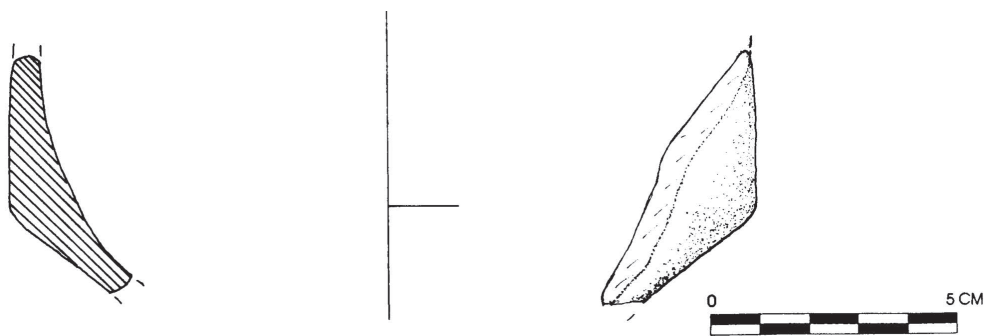


Fig. 4 – malga carenada, com ambas as superfícies esmaltadas a branco (peça 8533)

rior rodeado por filete em relevo. As paredes apresentam-se muito espessas, e o esmalte que cobriria as superfícies desapareceu, sendo ainda visível a barbotina que antecedia a sua aplicação. Foi fabricado em pasta rosa (5YR 7/4). As malgas mostram base reentrante e fundo em ônfalo com carenas bastante pronunciadas (fig. 4). As paredes têm entre 0,6 e 0,9 cm de espessura. O esmalte branco apresenta tonalidade algo rosada, com pouco brilho e pouco aderente, que adquire por vezes um aspecto «craquelé». O fragmento 5793 mostra «marca de proprietário», aberta por incisão de instrumento metálico afiado, na superfície exterior, logo abaixo da carena. Razões higiénicas estariam na base deste procedimento, que se destinaria a personalizar a peça.

Ainda com superfícies esmaltadas a branco, mas com decoração a castanho, identificámos uma escudela. Tem bojo esmaltado a branco em ambas as superfícies. Este esmalte, de má qualidade e sem brilho, está bastante deteriorado; ainda assim é possível ver uma decoração pintada em tons de castanho, em motivos muito simples de possível carácter fitomórfico, que encontramos em ambas as superfícies. A pasta é porosa, de tom vermelho claro (10R 6/6).

Com idênticas características, dois fragmentos foram ainda decorados nos tons castanho e azul. Um deles é um fragmento de bojo com cerca de 1 cm de espessura. O esmalte, aderente e brilhante no interior, mostra total ausência de brilho na superfície exterior. Aqui, motivos foram pintados em tom castanho ou vermelho muito escuro, e na superfície interna, idênticos motivos em tons castanho/vermelho escuro e azul. Foi fabricado em pasta rosa (5YR 7/3). O outro fragmento é uma base côncava com fundo em ônfalo, rodeado por filete, e paredes de tendência esférica. Esmaltada em ambas as superfícies com esmalte branco, aderente mas sem brilho, e aspecto «craquelé», na superfície exterior mostra algu-

mas manchas azuladas, enquanto que na superfície interna, sobre o fundo, rodeado por cartela circular composta por finas linhas azuis, foi representado motivo vegetalista nas cores azul e castanho, com alguns apontamentos a azul claro e amarelo. Tem pasta porosa, rosa (7.5YR 8/4) (fig. 5).

Existem dois fragmentos esmaltados a branco com decoração a azul. Um é um fragmento de bordo de um prato, sub-horizontal e com lábio de perfil semicircular. Sobre o esmalte branco e sem bri-

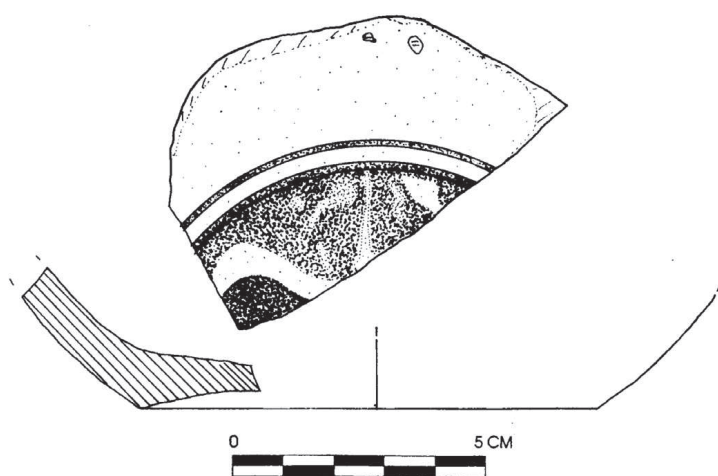


Fig. 5 – escudela, esmaltada a branco, com decoração em tons azul e castanho (peça 2305)

lho que cobre as superfícies foi pintada, na superfície interna, uma teoria de linhas espessas, paralelas, em tom azul cobalto. A pasta é bege (10YR 7/3) pouco compacta. O outro é uma base de prato ou taça com esmalte branco e sem brilho, com duas linhas paralelas a azul, junto ao fundo. A pasta é também bege (10YR 8/4), bem depurada.

Significativo é ainda o conjunto de duas peças esmaltadas a branco com decoração pintada com reflexo metálico. Foram fabricadas com pasta rosa, depurada e algo porosa. Uma escudela mostra corpo ovóide, com pegas horizontais opostas, polilobadas e motivos fitomórficos moldados sobre elas. As paredes são espessas, atingindo 0,9 cm de espessura máxima. No interior foram desenhadas a dourado, pequenas linhas e pontuações, semelhantes a notas musicais, enquadradas por linhas horizontais paralelas (fig. 6). Outra escudela tem fundo reentrante e arranque de paredes esféricas, medindo entre 0,7 e 0,8 cm de espessura. O esmalte das superfícies é pouco brilhante. No interior foi pintado em tom azul-cobalto, um motivo geométrico, quadriculado. O reflexo dourado mostra-se também na superfície interna, organizando-se em retângulos, embora o mau estado de conservação da peça dificulte a observação.

Por fim, um conjunto de peças, com paredes finas e pastas bege bem depuradas, cobertas por esmalte aderente e muito brilhante, branco ou azul muito claro, mostram motivos decorativos a azul.



Fig. 6 – escudela esmaltada a branco, com decoração em reflexo metálico em série de linhas e pontos (peça 8144)

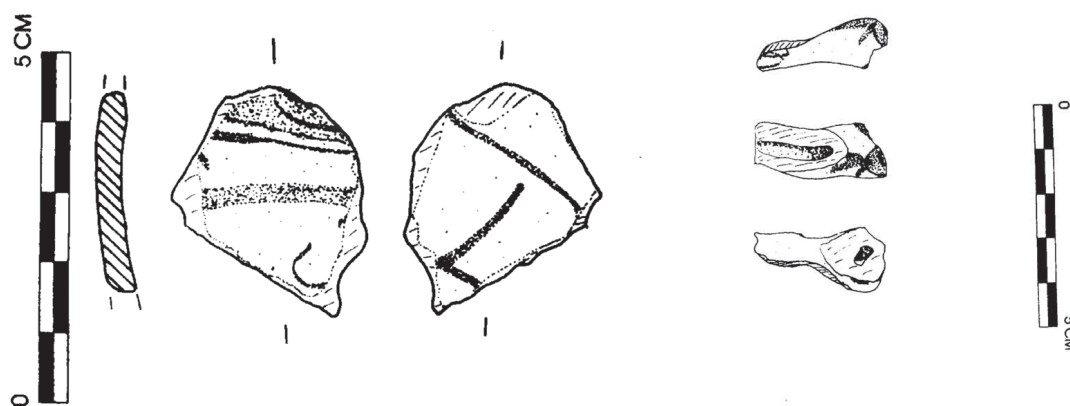


Fig. 7 – fragmento de taça com superfícies esmaltadas a azul claro, e decoração a azul cobalto (peça 8733)



Fig. 8 – asa tubular em porcelana chinesa (peça 8735)

Assim, um prato com bordo em aba sub-horizontal, mostra ambas as superfícies esmaltadas a branco, com decoração consistindo em duas linhas finas azuis, se bem que imprecisas, junto ao bordo. Combinando o esmalte branco na superfície externa, e o esmalte azul claro, ou *berrettino*, na superfície interna, encontramos dois fragmentos. Um deles é um prato com 0,5 cm de espessura das paredes. Aqui apenas o interior foi decorado a azul, com motivos vegetalistas. Do mesmo modo, uma taça foi decorada na superfície interna com motivos fitomórficos / vegetalistas. Na superfície externa, esmaltada a branco, a decoração, também a azul de cobalto, foi feita em traços largos, estilizada. Há ainda uma taça onde se observa o tom azul claro cobrindo ambas as superfícies. A decoração pintada, em tom azul mais forte, descreve possíveis motivos fitomórficos, desenhados em linhas pouco espessas (fig. 7). Incluímos ainda na categoria da cerâmica esmaltada os fragmentos de porcelana, onde detectámos um prato ou taça, dois fragmentos de bojo de taça e uma asa tubular. Foram fabricados com pasta branca, onde não se observam elementos não plásticos.

Assim, o pequeno prato ou taça tem aba oblíqua, com paredes muito finas, entre 0,2 e 0,3 cm de espessura. O esmalte branco, muito brilhante e aderente, responde ao toque com a sonoridade típica das porcelanas. Na superfície interna, sobre a aba, desenhou-se uma cartela, onde se interligam pequenas flores lanceoladas, existindo ainda cartela circular junto ao fundo. No exterior, sob a aba, nova cartela encerra flores de cinco pétalas, e outras (fig. 9).

Deverão pertencer a taças distintas os dois fragmentos de bojo, com decoração em dois tons de azul, em possíveis motivos vegetalistas e fitomórficos, verificados em ambas as superfícies.

Na asa tubular a decoração em tom azul representa motivos vegetalistas e fitomórficos (fig. 8).

2.2. Cerâmicas com superfícies vidradas

Nesta intervenção recolheram-se quatro tipos distintos de cerâmica vidrada: pratos, malgas, alguidares e uma panela.

Os pratos têm bordo com lábio de secção semicircular. As paredes medem entre 0,65 e 0,75 cm de espessura. Nos dois casos encontrados, ambas as superfícies foram vidradas em tom melado. São decorados na superfície interna a castanho escuro/negro, de óxido de manganês, desenhando *grosso modo* três linhas paralelas, num exemplar (fig. 10), e uma horizontal donde irradiam três linhas oblíquas, no outro. As pastas são bege (7.5YR 6/4) e laranja (5YR 7/6), respectivamente.

Quanto às malgas, um dos fragmentos mostra parte do bordo, algo extrovertido e com lábio ligeiramente biselado, e corpo de carena alta. Os restantes mostram apenas a zona da carena, bem demarcada. As paredes têm grande espes-

sura, variável entre 0,7 e 0,95 cm. Um vidrado de óxido de ferro, melado, foi aplicado em ambas as superfícies. As pastas são vermelhas (10R 5/8 e 2.5YR 4/6), pouco depuradas, com elementos não plásticos de grão médio.

Contamos apenas um exemplar de alguidar vidrado. Apresenta bordo muito extrovertido em aba pendente, com lábio biselado. O fundo é plano, com arranque de paredes oblíquas, medindo cerca de 1 cm de espessura, variando a espessura da base entre 1 e 1,4 cm. Foi aplicado vidrado verde no interior do bordo, e a superfície exterior foi coberta por engobe amarelado. Fabricado em pasta amarelo pálido (10R 7/4), que contém grande quantidade de elementos não plásticos de grão médio.

Identificámos dois fragmentos de panelas, consistindo num arranque de asa de desenvolvimento vertical, e numa porção de bojo, de tendência esférica. As paredes indicam entre 0,65 cm e 0,8 cm de espessura. As superfícies foram cobertas por óxido de chumbo, de tonalidade melada. Fabricaram-se em pastas claras: bege (10YR 7/4) e vermelho claro (2.5YR 6/6).

2.3. Cerâmica Comum

2.3.1 Pastas claras

No conjunto cerâmico das pastas claras, identificámos panelas, púcaros, fogareiros, alguidares, um fragmento de tacho, lamparinas, caçarolas, tigelas, testos, taças, infusas e alguns fragmentos de bojo com decoração incisa.

As panelas têm bordo introvertido, aplanado superiormente, com lábio de perfil quadrangular, em aba fina, até 1 cm de espessura (fig. 12). Um exemplar mostra o lábio algo descaído inferiormente, formando ligeiro pedúnculo. Uma das peças foi decorada com fino cordão plástico pouco abaixo do bordo (fig. 11), e uma outra mostra canelura irregular, feita a molde, colocada sobre o bojo. As superfícies são quase sempre rosa, com aguada laranja ou vermelho claro na superfície externa, sendo a superfície interna da cor da pasta.

Os púcaros têm bordos verticais, com paredes pouco espessas. Assentam em bases planas ligeiramente sobrelevadas, com estrangulamento na ligação com

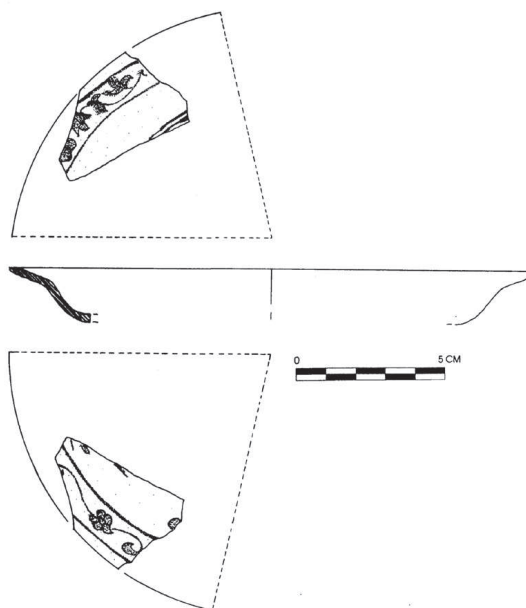


Fig. 9 – prato ou taça em porcelana chinesa (peça 8731)

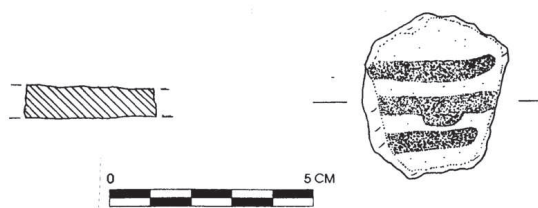


Fig. 10 – prato vidrado em tom melado com decoração a manganês (peça 9222)

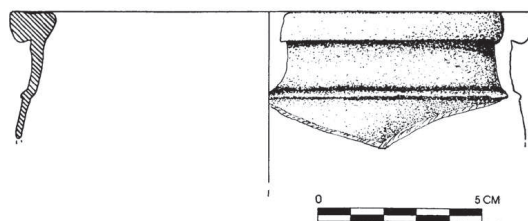


Fig. 11 – panela de pasta clara com bordo em aba fina (peça 10585)

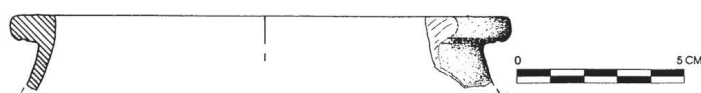


Fig. 12 – panela de pasta clara (peça 10584)

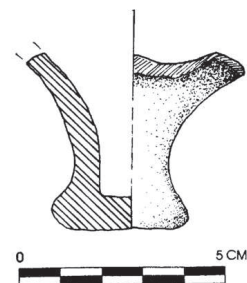


Fig. 13 – púcaro de pé (peça 5950)

o corpo, de tendência esférica. Alguns exemplares mostram manchas negras no exterior, evidenciando utilização sobre o fogo. Pastas rosadas (7.5YR 8/4), com superfícies tratadas com aguada em tom vermelho claro.

Uma variante desta forma é denominada «púcaro de reis». Identificámos um pé muito destacado, com 4cm de diâmetro de base. As superfícies desta peça foram cobertas por aguada de tom rosa. A pasta apresenta núcleo bege (2.5Y 8/2) e periferias vermelho claras (10R 7/6) (fig. 13).

Foi reconhecido um fogareiro com base plana e arranque de paredes subverticais, ligeiramente introvertidas. O diâmetro do fundo mede 10 cm, e o seu interior mostra-se enegrecido. O núcleo é rosa (7.5YR 7/4), e as superfícies, bastante rugosas, são da mesma cor, ainda que no exterior se notem vestígios de aguada vermelho clara.

Os alguidares identificados mostram bordos em aba curva, com lábio pendente de perfil semicircular ou biselado. As paredes são espessas, com cerca de 1,5 cm de espessura média. Utilizam pastas bastante claras, de cinzento a rosa. As superfícies internas mereceram mais atenção que as externas, sendo normalmente tratadas com aguada. Regista-se um exemplar com superfície brunida.

Classificámos como tacho um fragmento com bordo algo introvertido e lábio de perfil quadrangular, pega horizontal completa, partindo do bordo, em semicírculo. As paredes denotam tendência esférica, com 0,55cm de espessura. As superfícies são vermelho claras, com aplicação de aguada. A pasta tem núcleo cinzento claro (10YR 7/1).

As lamparinas têm forma sinuosa, formando bico trilobado, e bordo vertical com lábio de perfil semicircular. O fundo é ligeiramente côncavo, com 6 cm de diâmetro. Ostentam paredes finas, com 0,35cm de espessura no corpo e 0,5cm de espessura no fundo. Fabricam-se em pastas rosadas (7.5YR 7/4), da cor das superfícies.

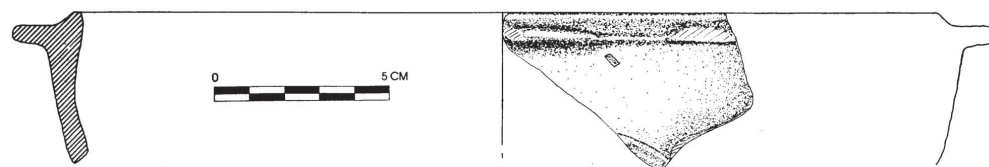


Fig. 14 – çaçarola de aba horizontal sob o bordo (peça 3332)

A çaçarola fabricada com pasta clara mostra bordo introvertido, com ressalto para encaixe de tampa, e aba horizontal, de perfil rectangular, a toda a volta. Foi efectuada decoração incisa no bojo de tendência esférica. Com pasta rosa (5YR 7/4), as superfícies encontram-se cobertas por aguada laranja a vermelho claro (fig. 14).

Classificámos como tigelas os bordos verticais ligeiramente introvertidos, com lábio biselado. Têm núcleo cinzento claro (10YR 7/1), e superfícies laranja. Mostram-se sempre decoradas por uma ou duas linhas incisas no exterior, abaixo do bordo.

À semelhança dos exemplares fabricados com outras pastas, os testos de pastas claras têm corpo troncocónico, com bordo com inflexão interna, em barbela. Assentam em fundo plano, com pequeno diâmetro, e as paredes têm entre 0,35cm e 0,45cm de espessura. As superfícies são rosa e cinzento claro, por vezes tratadas com aguada. Alguns exemplares mostram acabamento algo frustrado.

Identificámos uma taça com fundo convexo e base «em bolacha», paredes de tendência esférica, e duas linhas incisas marcando o exterior da base. Na superfície externa regista-se aplicação de aguada laranja. As paredes são finas (0,35 cm de espessura), e o diâmetro da base não ultrapassa 8 cm. Pasta e superfícies rosa (5YR 7/4).

As infusas mostram bordo vertical e lábio biselado, com paredes bitroncocónicas, assentando em fundo plano. O bordo mede cerca de 15 cm de diâmetro, e a base indica 0,85 cm de espessura; as paredes têm espessura mínima de 0,8 cm. Pasta e superfícies rosa, com aguada exterior de tom vermelho claro.

Alguns fragmentos de bojo de formas não identificadas foram decorados com linhas incisas. Estas decorações consistem em uma a duas linhas onduladas, que num exemplar está enquadrada por cartela também incisa. Observa-se pastas em tons rosa ou cinzento claro, com aplicação frequente de aguada.

2.3.2. Pastas castanhas, vermelhas, laranja e cinzentas

Encontram-se nesta categoria, por um lado, maior número de fragmentos, na contabilidade geral, e por outro, maior diversidade de formas. Todas elas se pautam pelo utilitarismo, que oscila entre as funções de armazenamento, confecção e distribuição dos alimentos.

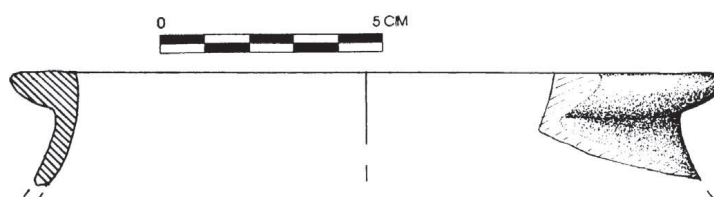


Fig. 15 – panela de pasta laranja, com bordo em aba fina: tipo A (peça 4699)

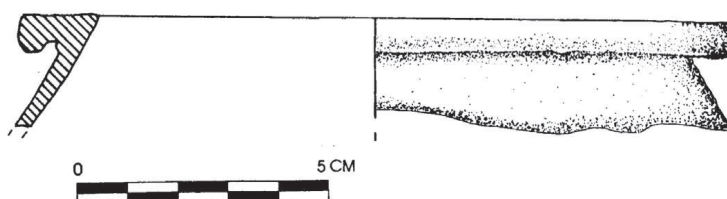


Fig. 16 – panela de pasta laranja, com bordo em aba fina e ligeiro pedúnculo: Tipo A (peça 7047)

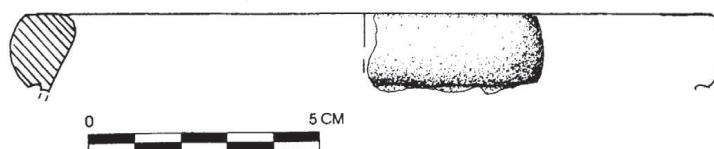


Fig. 17 – panela com bordo espessado: Tipo B (peça 10605)

Existem três tipos de panelas com este tipo de pastas, que convencionámos chamar tipos A, B e C.

O primeiro tipo mostra bordo algo extrovertido, aplanado superiormente, e lábio de perfil quadrangular, em aba fina (fig. 15). Um subconjunto mostra lábio algo descaído inferiormente, formando pedúnculo mais ou menos acentuado (fig. 16). A decoração consiste normalmente num fino cordão plástico aplicado sobre o bojo. O único exemplar com asa mostra que ela parte do bordo, tem secção oval e desenvolve-se verticalmente. Todas as peças foram tratadas, pelo menos na superfície exterior e sobre o bordo, com engobe ou aguada, exibindo algumas delas tratamento semelhante em ambas as superfícies. O tipo A é o tipo mais comum, que engloba a maioria das panelas com estas pastas, datadas entre os séculos XIV e XVI.

Um segundo tipo de panelas, Tipo B, tem bordo introvertido, aplanado superiormente, com lábios espessos de perfil quadrangular ou rectangular (fig. 17). As diferenças em relação ao Tipo A residem sobretudo ao nível das espessuras das paredes e do bordo. Os diâmetros internos dos bordos destas panelas não parecem necessariamente alterar-se com o espessamento das paredes e bordo. As superfícies foram maioritariamente cobertas com aguada ou engobe apenas no lado exterior, ainda que se encontrem peças com ambas as superfícies tratadas.

As panelas do tipo C têm bordo extrovertido, em aba curva, e lábio de secção semicircular, com arranque de paredes subverticais. O corpo tem forma subcilíndrica e nenhum exemplar mostra vestígios de asa ou decoração (fig. 18). A maioria destas foi coberta com engobe ou aguada em ambas as superfícies. As diferenças entre os exemplares deste tipo residem sobretudo no grau de curvatura do bordo. Fabricaram-se com pastas laranja, vermelha e cinzenta.

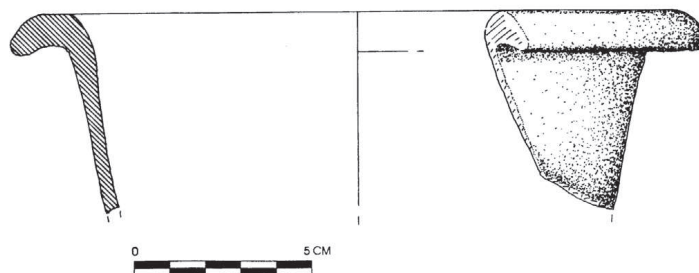


Fig. 18 – panela com bordo em aba curva: Tipo C

Os exemplares de testos encontrados na Sondagem C têm bases planas, com paredes troncocónicas invertidas e bordo com inflexão interna, em barbela, com pequena pega vertical ao centro. As pastas são escuras, a oscilar entre laranja, o vermelho e o castanho, até ao cinzento muito escuro. Vários mostram vestígios de engobe ou aguada, sobretudo na superfície superior. As espessuras das paredes e bases variam entre 0,35 e 0,9 cm, maioritariamente entre 0,5-0,6 cm. Nas poucas bases que encontrámos, detectámos diâmetros entre 5 e 7 cm. Já nos bordos, os diâmetros variam entre 10 e 20 cm. A única pega completa mede 2,35 cm de altura. Um exemplar mostra decoração composta por três círculos concêntricos em torno da pega.

À semelhança dos exemplares de pastas claras, os dois fragmentos de púcaros de reis incluídos nesta categoria têm bases planas, muito destacadas e pé muito elevado. Os diâmetros da base variam entre 3,5 e 4 cm. Pastas cinzento esverdeado e castanho. As paredes denotam engobe ou aguada.

Identificámos ainda outros púcaros, que dividimos em dois grupos. Os que integrámos num Tipo A têm bordo vertical de paredes finas, e lábio de perfil semicircular ou ligeiramente biselado. Foram maioritariamente tratados com engobe ou aguada em pelo menos uma das superfícies. Os seis fragmentos disponíveis foram decorados com uma linha incisa no exterior, logo abaixo do bordo. Fabricaram-se em pastas laranja, vermelho claro e castanho avermelhado.

Com diferenças situadas ao nível do bordo, os púcaros de tipo B apresentam-se com lábio biselado e bordo extrovertido. Têm perfil troncocónico, com paredes altas e fundo plano. Nos exemplares observados, uma ou ambas as superfícies foram cobertas por engobe ou aguada. Fabricaram-se em pastas laranja, castanho e vermelho claro.

Tipologicamente distintos ao nível dos lábios, que variam de perfil semicircular ao biselado, chegando a formar uma aba que pode ser mais ou menos encurvada, os alguidares (fig. 19) apresentam sempre paredes oblíquas e bor-



Fig. 19 – bordos de alguidares de pastas castanha, vermelha e laranja

dos extrovertidos. As superfícies têm diversos graus de acabamento, sendo alguns bastante frustres. A aplicação de engobe ou aguada é frequente.

Entre o conjunto que estudámos não se encontrou nenhum prato completo, ou fragmento que conservasse ao mesmo tempo bordo e fundo. Dispomos de um total de dez bordos, e cinco fundos assentes em pé

anelar. As superfícies internas foram, em todos, tratadas com engobe ou aguada, mesmo os cinco exemplares que mostram brunido interno. Os bordos têm lábio pendente, de perfil triangular, e as bases assentam em pé anelar, algo destacado, sendo o fundo ligeiramente convexo. As paredes apresentam forma troncocónica invertida. A decoração, quando existente, situa-se ou no bordo pendente, onde é constituída por uma ou mais linhas incisas, ou sobre o pé anelar.

Contamos seis fragmentos de bases «em bolacha», com arranque de paredes de tendência esférica, normalmente identificadas com tigelas e potes. Na ligação da base às paredes do corpo, algumas peças mostram finas linhas incisas. Vermelho claro (2.5YR 6/8) é o tom de pasta mais frequente, existindo ainda pasta castanha avermelhada, laranja e cinzenta clara. As superfícies externas podem ainda mostrar tratamento com engobe ou aguada.

Um fragmento de caçarola apresenta bordo introvertido, com pequena aba a toda a volta, pouco desenvolvida, e ressalto para apoio da tampa. O bojo, curto, tem tendência esférica, e foi decorado com canelado largo, bem demarcado. Medimos cerca de 0,4 cm de espessura das paredes e cerca de 14 cm de diâmetro de bordo. A pasta é vermelha clara (10R 6/8), com superfícies castanho claras.

Como característica formal mais marcante, os três fragmentos identificados como tachos apresentam pega de desenvolvimento horizontal e forma triangular. Duas peças têm núcleo cinzento avermelhado, e uma peça cinzento claro acastanhado. Tratadas todas com engobe ou aguada nas duas superfícies, duas peças mostram vestígios inequívocos de utilização sobre o fogo. Formalmente muito semelhantes, as dimensões também não diferem muito: 0,5 a 0,55 cm de espessura média das paredes, e 21 a 24 cm de diâmetro do bordo.

Classificámos como tigelas ou tachos os fragmentos com bordo vertical ou introvertido, com lábios de perfil semicircular ou algo biselado, e paredes sub-verticais (fig. 20). As espessuras das paredes variam entre 0,4 e 0,7 cm, e os diâmetros de 8 a 22 cm. Têm sempre uma linha incisa a demarcar exteriormente o bordo (fig. 21), mas também se verificam exemplares com outras linhas incisas abaixo desta, formando por vezes um canelado curto. As cores das pastas variam

de laranja a castanho. As superfícies copiam normalmente estas cores, ou mais escuras, quando tratadas com aguada. Por vezes adquirem manchas cinzentas escuras, devido à acção do fogo.

Os cântaros estão representados neste conjunto do Castelo de Sesimbra, por um fragmento de base algo côncava, com arranque de paredes extrovertidas, sinuosas, que

parecem sugerir um corpo ovóide alongado. Estas paredes são muito espessas, com 0,8 cm de espessura mínima verificada. O diâmetro da base atinge 11 cm. A pasta tem espesso núcleo cinzento e periferias laranja, da cor da superfície interna, uma vez que a superfície externa foi coberta por aguada em tom um pouco mais escuro.

As infusas identificadas têm bordos verticais, com lábio biselado. As paredes são fusiformes ou globulares alongadas, assentando em fundos planos. O estrangulamento junto à base pode ser mais ou menos acentuado. Os diâmetros do bordo variam entre 12 e 15cm, e do fundo entre 11 e 21cm. As paredes são espessas, sendo as bases mais finas. Um fragmento mostra linha pouco profunda a demarcar o bordo exteriormente. Fabricados em pastas laranja e vermelho claro, com superfícies de cor próxima da pasta, foram sempre tratadas com engobe ou aguada.

Existem alguns fragmentos de potes, com bordo introvertido, lábio de perfil semicircular e corpo globular. As paredes são finas, entre 0,35 e 0,5cm de espessura. Um exemplar tem superfície externa polida e dois deles foram decorados com duas linhas incisadas, paralelas, abaixo do bordo. Podem mostrar manchas negras, da utilização sobre o fogo, e fabricam-se em pastas cinzentas.

Classificámos como jarros os bojos de perfil algo sinuoso, deixando prever um estreitamento de gargalo na parte superior, e um alargamento na zona inferior. De paredes finas, entre 0,25 e 0,6cm de espessura máxima, as superfícies têm cores que variam de laranja a vermelho escuro, ou acastanhado, sempre tratadas com engobe ou aguada, pelo menos na superfície externa. Um fino cordão plástico, bastante saliente, é comum a todos os fragmentos.

Conta-se ainda neste conjunto uma pega, constituída por argola cerâmica, revestida por capa pouco espessa, que enforma um tubo com cerca de 4 cm de diâmetro, de cuja extremidade divergem dois tubos mais pequenos, com cerca

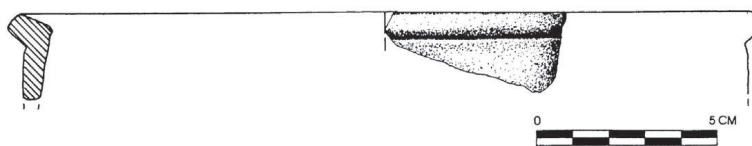


Fig. 20 – tacho com incisão sob o bordo (peça 3887)

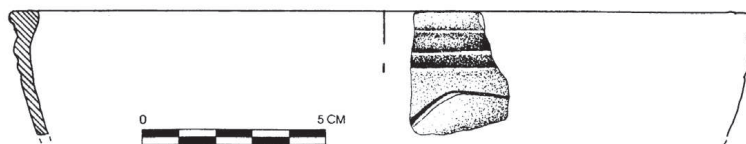


Fig. 21 – tacho com curto canelado sob o bordo e decoração incisa (peça 1140)

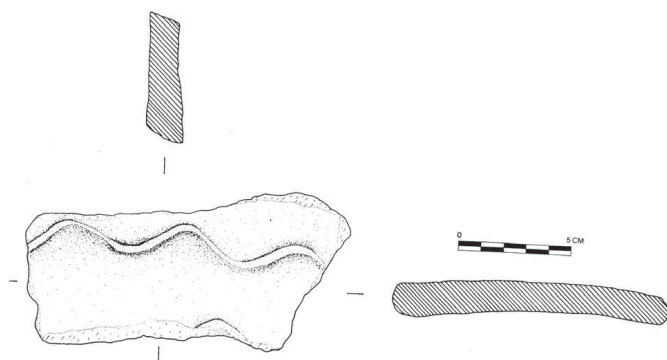


Fig. 22 – fragmento de bojo de talha (peça 7049)

de 2,5 cm de diâmetro. A argola faz a ligação entre estas três partes. Utiliza pasta castanha (5YR 5/4), coberta por engobe vermelho.

Apenas uma lamparina foi incluída no conjunto de pastas mais escuras. É representada por uma pega de reduzidas dimensões, com o topo revirado para o exterior, mas sem argola que permita fácil prensão, e pequena porção de fundo côncavo. As paredes têm 0,3 cm de espessura, e a pasta é castanho claro avermelhado.

As talhas, recipientes de grandes dimensões destinados a armazenar líquidos, assentam em fundo plano, e têm paredes fusiformes ou ovóides alongadas. Apresentam-se por vezes cobertas, na superfície externa, por aguada. As superfícies interiores mostram, sem exceção, brunido vigoroso, que lhes confere um toque acetinado. Decoradas exteriormente por finas linhas onduladas incisadas, as paredes variam entre 1,1 e 1,5 cm de espessura (fig. 22).

As pastas têm núcleo cinzento claro, e periferias laranja ou vermelho.

Alguns fragmentos de bojo de formas não identificadas foram incluídos neste estudo por apresentarem decoração. Um conjunto mostra decoração canelada, e nestes casos as pastas são vermelho claras, vermelho e castanho, com superfícies laranja e vermelho, onde se observa aplicação de aguada de tom semelhante à pasta, ou engobe de cor escura, contrastante com as cores das pastas. A espessura das paredes destas peças é variável, entre 0,4 e 0,55 cm. Os tipos de canelado também variam em termos de profundidade, precisão e regularidade.

Existem ainda alguns fragmentos com decoração incisada, em que as linhas são curvas e nunca se apresentam sozinhas, fazendo antes parte de um projecto decorativo com alguma complexidade. Num caso as incisões onduladas são enquadradas por um canelado bem demarcado. As paredes têm entre 0,35 e 0,55 cm de espessura, e foram fabricadas com pastas laranja.

Ainda que escassa é visível em três fragmentos decoração pintada a branco, sobre a face externa do bojo das peças. As pastas são vermelhas e cinzentas, e nalguns casos verifica-se a aplicação prévia de engobe de tons escuros. É sobre este engobe que se desenham as linhas brancas, solitárias ou paralelas. As paredes têm espessura variável entre 0,5 e 0,6 cm.

2.4. Paralelos e datação

2.4.1. A Cerâmica Esmaltada

Pratos e malgas esmaltados a branco são consideradas as peças mais divulgadas durante os séculos xv e xvi, de uma produção que ainda alcançou o século xvii. As primeiras destas peças terão chegado a Portugal oriundas de Sevilha, onde se começaram a produzir no século xiv (Rey, 2000, p. 32). A má qualidade dos esmaltes aplicados a estas peças nem sempre permite a sua conservação. Além disso, encontramos vários tons de branco, e gradações de brilho. As marcas de propriedade que observámos, «devem-se, por certo, a cuidados higiénicos e profiláticos especiais, permitindo a cada pessoa do agregado familiar, de uma corporação militar ou religiosa, reconhecer a louça que habitualmente utilizava, assim evitando possíveis contágios que as grandes epidemias e pestes faziam temer» (Gomes e Gomes, 1996, p.162). Este grupo é normalmente denominado de «tipo conventual», «colonial», *Columbia Plain* ou *Plain White* (Gomes e Gomes, 1996, p. 158). Com larga difusão, encontra paralelos um pouco por todo o país, em contextos identificados com os séculos xv e xvi (Cardoso e Rodrigues, 1999, p.207; Gomes e Gomes, 1998, p.345). Em Sesimbra publicaram-se, ainda que fora de contexto, escudelas e taças carenadas, esmaltadas a branco em ambas as superfícies (Carvalho e Fernandes, 1992, p.15).

Também em Sesimbra tinham já sido estudados dois pratos com ambas as superfícies esmaltadas de cor branca e verde «separadas entre si por zona de contacto, que parece dividir a peça em duas partes idênticas», com pastas bege, bem depuradas, e fundo em ônfalo (Carvalho e Fernandes, 1992, p.15). Nesta produção deverá incluir-se o pequeno fragmento de fundo reentrante esmaltado a verde, que encontra nas oficinas sevilhanas pratos e taças com idêntica base. As pastas têm textura granulosa e cor amarelada ou bege. Constituem variante da série «Blanca Lisa» (a já descrita cobertura de esmalte branco em ambas as superfícies), denominando-se série «Blanca y Verde» que consiste na combinação do esmalte branco com vidrado verde, dividindo a peça ao meio. Esta produz-se até meados do século xvi (Somé e Huarte, 1999, p.160). Aqueles exemplares são também conhecidos sob a denominação «*Santa Elena Green and White*» (Gomes e Gomes, 1996, p.162), tendo sido recolhido em Silves um fragmento de prato ou taça esmaltado a branco coberto até metade com vidrado de cor verde forte (Gomes e Gomes, 1996, p.160). Proveniente de Palmela foi publicado um prato com fundo côncavo e superfície esmaltada a «verde metalizado» (Carvalho e Fernandes, 1998, p.222), atribuído a oficinas espanholas.

Com produções centradas nos séculos xv e xvi, em cenário de expansão colonial dos países ibéricos, as peças esmaltadas a branco, ou branco e verde, foram exportadas em grandes quantidades para os domínios ultramarinos, encontrando-

-se, por exemplo, nos estratos arqueológicos referentes à ocupação portuguesa da praça forte de Alcácer Ceguer (1458-1550) (Redman, 1986, p.191).

As peças esmaltadas com decoração a azul terão idêntica origem nas oficinas sevilhanas, onde se produziu intensamente, até meados do século XVI, cerâmica esmaltada a branco com decoração linear a azul-cobalto, numa série denominada «azul lineal». Entre as variantes deste tipo encontra-se o motivo das linhas concêntricas paralelas (Somé e Cambra, 1999, p.161) que identificámos em Sesimbra. Em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 209), e em Almada (Espírito Santo e Sabrosa, 1992, p.9) há notícias de pratos com decoração em linhas azuis junto ao bordo e ao fundo, inserindo-se em ambos os casos em contextos arqueológicos do século XVI, e remetidos para as produções sevilhanas. O mesmo tipo, com linhas concêntricas, ou motivos desenhados em mão livre, simples, encontra-se também em Alcácer Ceguer (Redman, 1986, p.192).

As produções espanholas da região valenciana, onde se situam os centros produtores de Paterna e Manises, tiveram ampla difusão em Portugal. As decorações a castanho, e castanho e azul sobre esmaltes brancos, são classificadas como pertencentes às oficinas valencianas, datando de finais do século XIV a meados do século XVI. Estas peças inscrevem-se na «série azul», produzida tanto em Paterna como em Manises, sucessora da série «verde e morada» (Sanchez-Pacheco, 1981; Sanchez-Pacheco, 1996; Gonzalez-Martí, 1944) Os motivos decorativos empregues por estas oficinas incluem pinhas, bolbos, folhagens, alafias e pontuações, que se inspiram em «formas existentes no repertório das cerâmicas muçulmanas» (Gomes e Gomes, 1994, p.170). Com alguma divulgação em Portugal, estas peças encontram-se identificadas em Silves (Gomes e Gomes, 1994), em Palmela, (Carvalho e Fernandes, 1998, p.214), e no Palácio Nacional de Sintra (Amaro, 1992, p.119), tendo também já sido identificadas anteriormente em Sesimbra (Carvalho e Fernandes, 1992, p.18).

Com a mesma origem geográfica nas oficinas de Paterna e Manises, as peças ostentando a técnica decorativa do «lustro dourado», surgem a partir de meados ou finais do século XIV (Sanchez-Pacheco, 1981; Sanchez-Pacheco, 1996; Gonzalez-Martí, 1944). Esta técnica emprega-se, nos séculos XIII e XIV, a produções cerâmicas da região de Granada, Málaga e Almeria. O domínio aragonês de Valência proporcionará a expansão comercial das peças decoradas com reflexo metálico.

Existem séries que situam cronologicamente os motivos decorativos empregues. No caso da escudela do castelo de Sesimbra, totalmente esmaltada a branco, e com decoração a dourado, encontramos um bom paralelo no Poço-Cisterna de Silves, que os autores (Gomes e Gomes, 1996, p.180) datam da transição do século XV para o século XVI, seguindo a cronologia proposta por Gonzalez-Martí (1944). Esta cronologia baseia-se em parte, num motivo idêntico, figurado no

reverso de um prato de Manises, onde também se observam as armas de Catarina de Navarra, datado do século xv, ou inícios do século xvi. Idêntico motivo das «notas musicais» foi encontrado no Funchal (Gomes e Gomes, 1998, p. 338), decorando uma escudela hemisférica. Em Alcácer Ceguer entre as peças decoradas com lustro dourado, a taça aberta com pegas horizontais recortadas, era uma forma corrente (Redman, 1986, p.195).

A escudela que conjuga a decoração em lustro dourado com a pintura a azul-cobalto será oriunda das mesmas oficinas de Paterna e Manises (Sanchez-Pacheco, 1996). Não constituindo absoluta novidade nos contextos arqueológicos portugueses, esta técnica, de resto como a pintura a azul-cobalto, são já conhecidas nos níveis almóadas de Silves, embora não empregues conjuntamente (Gomes e Gomes, 1996, p.176). Foi publicado um conjunto de três peças com decoração a azul e dourado, de Alcochete, cuja origem é indicada para as regiões de Granada / Málaga ou Valência (Correia, 2004, p. 650).

A introdução da porcelana chinesa na Europa, a partir do século xvi, vem produzir uma alteração nos gostos, com repercussões importantes ao nível das criações cerâmicas. Produzem-se em Itália peças com carácter eminentemente decorativo, sobretudo pratos e taças, com paredes muito finas, cobertas por esmalte branco de muito boa qualidade, aderente e brilhante. Terão tido origem na cidade italiana de Faenza peças esmaltadas a branco com decoração em tom azul forte, desenhando motivos fitomórficos e esquemáticos; são os denominados *bianchi di Faenza*. Este tipo de decoração, de nítida inspiração oriental, ficou conhecida como faiança «alla porcellana», com cronologia do século xvi. Pertencem a este conjunto os finos fragmentos descritos para Sesimbra, com esmalte branco de alta qualidade, muito brilhante, e decoração a azul. Foram igualmente identificados alguns fragmentos no Poço-Cisterna de Silves (Gomes e Gomes, 1996, p.189).

As peças com fundo em tom azul muito claro e decoração a azul mais forte, terão origem em Veneza, também no século xvi, altura em que esta cidade era importante centro produtor. As decorações destas oficinas inspiram-se em paisagens urbanas, em gravuras e em elementos naturais, como flores e frutos. Outro motivo utilizado, que quanto a nós se repete nas peças que estudamos, denomina-se *stile compendiario*, e consiste em motivos florais de aspecto caligráfico. Estas peças identificam-se no Poço-Cisterna de Silves (Gomes e Gomes, 1996, p.186) e em Palmela (Carvalho e Fernandes, 1998, p.215), onde alguns fragmentos de majólicas de Veneza surgem em contextos datados para os séculos xvi/xvii. No Porto, com idêntica origem italiana, mas da cidade de Pisa, publicam-se «fragmentos de faianças de tom azul claro, com decoração fitomórfica em tom azul mais escuro» (Osório e Silva, 1998, p.289), datados do século xvii.

A importante mudança de gosto de que falávamos, que teve epicentro nas cidades italianas, veio também implicar alterações significativas nas oficinas sevi-

lhanas a partir de meados do século XVI. Inspiradas nas peças italianas, as paredes são agora menos espessas, os perfis mais sinuosos, e as bases sempre anelares. Neste «grupo italianizante», por oposição ao antigo *morisco*, os esmaltes empregues são de melhor qualidade, e além do tradicional fundo branco generaliza-se o azul como fundo. Esta série «azul sobre azul» vai imitar as cerâmicas das oficinas da Liguria, empregando um tom azul claro sobre o qual se dispõem motivos decorativos lineares, esquemáticos, florais e arquitectónicos em azul um pouco mais forte. No exterior são figurados arcos entrecruzados. Estas séries italianizantes alcançam um grande desenvolvimento durante o século XVII, com algumas diferenças morfológicas e decorativas em relação aos originais (Somé e Cambra, 1999). Devido ao reduzido tamanho dos fragmentos exumados no Castelo de Sesimbra, é-nos impossível detectar eventuais diferenças que possam indicar claramente a origem dos fragmentos estudados.

A porcelana chinesa é comum à maioria dos sítios arqueológicos com ocupação de cronologia moderna. A presença portuguesa na Índia permitiu trazer para a Europa, logo nos finais do século XV, inícios do século XVI, vários exemplares de porcelana.

Altamente apreciadas, a exportação de cerâmicas azuis e brancas para consumo do mundo ocidental inicia-se no reinado Wan-Li (1573-1619).

Nestas produções em azul-cobalto sobressaem por vezes, «delicadas e expressivas representações florais ou motivos mitológicos integrados em métopas» (Gomes e Gomes, 1996, p.199).

A porcelana chinesa está presente, embora em pouca quantidade, no Castelo de Sesimbra. Identificámos uma aba de prato, duas pequenas taças, e uma asa, que supomos pertencer a um bule, ou chávena. No Poço-Cisterna de Silves (Gomes e Gomes, 1996, p.199), num prato de molho «reconhecem-se restos de uma decoração floral, com folhas longas e lanceoladas, assim como uma linha horizontal, que separaria o corpo da peça do bordo». Este motivo, colocado na aba do pequeno prato identificado em Sesimbra, foi ainda encontrado em Palmela (Carvalho e Fernandes, 1998, p.255), em contexto dos séculos XVII-XVIII. Em Alcácer Ceguer (Redman, 1986, p.200) também se verifica a ocorrência de porcelana chinesa nos níveis mais recentes da ocupação portuguesa.

2.4.2. A Cerâmica vidrada

Entre a cerâmica vidrada, as formas mais comuns são os pratos e as malgas carenadas com vidrados em tom melado. Os pratos mostram fundo em ônfalo com bordos oblíquos ou sub-horizontais, e lábio de secção semi-circular, e as malgas têm carena alta e pé destacado, em anel, bordo vertical e lábio de perfil semi-circular. Fabricam-se com pastas depuradas, em tons bege a rosado. Podem apresentar-se decoradas com motivos simples, de carácter geométrico ou fitomór-

fico, em tom castanho-escuro a negro, de óxido de manganês. Trata-se de produções locais ou regionais que encontram paralelo em Silves (Gomes e Gomes, 1996, p. 154) e em Palmela (Carvalho e Fernandes, 1998, p.213), tendo ainda sido identificados no Castelo de Sesimbra, ainda que descontextualizados (Carvalho e Fernandes, 1994, p.15). A cronologia estabelece como limite mais recente a primeira metade do século XVI, e a sua produção ter-se-á iniciado no século XV, ou ainda no século XIV, devendo buscar grande influência na cerâmica muçulmana (Gomes, Gomes e Cardoso, 1996, p.54).

À semelhança dos restantes vidrados melados, as painéis terão origem local ou regional, com antecedentes nas produções almóadas dos séculos XII e XIII (Gomes e Gomes, 1996, p.152). Os vidrados verdes surgem intimamente ligados aos alguidares, que já no século XVI se produziam nas oficinas de Lisboa. A origem desta tipologia remontará ao século XIII (Gomes e Gomes 1996, p.162), sendo muito frequentes em contextos posteriores à segunda metade do século XV. Em Alcácer Ceguer (Redman, 1986, p. 255) entre os recipientes típicos do «período português», com antecedentes islâmicos, encontram-se as «green glazed basins», de grandes dimensões, fundos planos, paredes espessas e bordo extrovertido, com vidrado verde cobrindo toda a superfície interna.

2.4.3. A Cerâmica comum

As painéis dos tipos A e B (com bordo introvertido e lábio em aba horizontal) encontram-se em Palmela, na R. do Castelo, n.º 4 (Carvalho e Fernandes, 1995, p. 92), e datam do século XIV, inícios do XV. Apresentam, tal como verificado em Sesimbra, um «ressalto, marcado por nervura» sobre o bojo. Numa análise evolutiva das painéis exumadas neste local e noutros, em Palmela, os mesmos autores, considerando os bordos de secção rectangular, admitem a sua génese nos finais do século XIV a inícios do século XV, mas estabelecendo desde logo que as variantes do século XV se prolongam até ao século XVII, conservando as suas características principais (Carvalho e Fernandes, 1997, p. 230).

Algumas painéis em cerâmica provenientes do Castelo de Sesimbra, ainda que descontextualizadas, foram já estudadas (Carvalho, 1994, p.22). Com base nas referidas tipologias exumadas em Palmela, em contextos estratigráficos bem definidos, o autor propõe a mesma cronologia para as peças de Sesimbra, entre a segunda metade do século XIV, e os finais do século XV. Deverão corresponder às mencionadas variantes do século XV, outros exemplares, recolhidos em Lisboa, no Bairro da Mouraria (Diogo e Trindade, 1995, p.260), no Crato (Catarino, 1995, p.131), em Almada (Sabrosa e Santos, 1993, p.116) (Sabrosa, 1994, p.39), Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999, p.194; Cardoso e Encarnação, 1990, p.58; Cardoso e Rodrigues, 1991, p.576), Beja, (Mestre, 1991, p.569) e Montemor-o-Novo (Ribeiro, 1984); com cronologias dos finais do século XV / século XVI.

Uma panela do tipo C, com bordo «em voluta e colo convexo», medindo 15 cm de diâmetro no bordo, foi classificada em Cascais, para os séculos XIII a XV (Cardoso e Rodrigues, 1991, p. 575). Em Almada foi publicada outra peça formalmente muito semelhante, identificada como pote (Sabrosa e Santos, 1993, p. 116).

Característicos das produções anteriores ao século XVI, os testos com bordo com inflexão interna, ou barbela, serão comuns aos contextos arqueológicos medievais portugueses. Em finais do século XV começa a escassear a variante com barbela, que já não se aplica no século XVI.

Os «púcaros de reis» foram identificados no Museu Hipólito Cabaço, em Alenquer (Matos, 1971, p.572), onde peças denominadas «pequenos jarros» de uma ou duas asas, têm formas semelhantes, segundo o autor, às «*cratera* da época clássica». Têm «pança volumosa» e «pé estrangulado precedendo a base alargada». A altura não ultrapassa 10cm, e as paredes são sempre finas. Com o mesmo tipo de «pé estrangulado e base alargada», uma taça, que o autor considera «vulgar desde a época clássica». Tanto os púcaros como a taça provêm de contexto arqueológico que se prolonga do século XII ao XIV. Os púcaros de bordo vertical ou sub-vertical encontram paralelos no Palácio Nacional de Sintra (Amaro, 1992, est.X.2 e X.3), em Cascais (Cardoso e Encarnação, 1990, p.53), em Palmela (Carvalho e Fernandes, 1995, p. 92) e em Almada (Sabrosa e Santos, 1993, p.121). As cronologias apontam o século XIV e o início do século XV, embora os autores de Cascais recuem ligeiramente para o século XIII, identificando nela influência árabe. Com idêntica cronologia, os púcaros de bordo oblíquo, extrovertido, também se detetam nos silos medievais do Palácio Nacional de Sintra (Amaro, 1992, est. VI.2), e em Évora (Teichner, 1998, p. 27).

Os alguidares com bordo muito extrovertido, e lábio biselado pendente, com ligeiro canelado no interior do bordo, encontram-se em diversos contextos geograficamente próximos de Sesimbra, onde de resto foram já estudados exemplares fora de contexto (Carvalho, 1993, p. 18; Carvalho, 1994, p. 13). É o caso de Palmela, onde a forma de lábio canelado mostra por vezes pintura de cor branca, sugerindo tradição islâmica; Almada (Sabrosa e Santos, 1993, p. 121) e Alcácer do Sal. As cronologias apontam para os séculos XIII-XIV, numa variante formal que parece ter origem regional.

Entre os alguidares de bordo extrovertido, alguns mostram aba pendente, ou em voluta. Encontram-se em vários contextos dos séculos XV e XVI, como Almada (Sabrosa, 1994, p. 40), Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 200) e Palmela (Carvalho e Fernandes, 1998, p. 220), onde se descrevem alguidares de bordos «mais ou menos espessos, em voluta», com superfícies que podem ser polidas ou cobertas com aguada.

Os pratos em cerâmica comum são das formas mais frequentes em contextos arqueológicos medievais e modernos portugueses. Os bordos são geralmente

de perfil triangular, com lábios pendentes, e as paredes troncocónicas invertidas, assentes em pés anelares, mas também em bases planas ou côncavas. Os tratamentos tendem a dar mais atenção à superfície interna, que pode ostentar algum tipo de decoração sobre o bordo, ou ser alisada, espatulada ou brunida, com ou sem engobe. Estas tipologias encontram-se em Almada, na Rua Henriques Nogueira (Sabrosa e Santos, 1993, p.118), em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999, p.202), (Cardoso e Encarnação, 1997, p.53), Palmela (Carvalho e Fernandes, 1995, p.90), em Lisboa (Diogo e Trindade, 1998, p.262), na Ria de Aveiro A (Alves *et. al.*, 1998, p.193), e em Évora (Teichner, 1998, p.28), com cronologias que se balizam entre os finais do século XIV e o século XVI.

Os «fundos em bolacha» identificados devem pertencer a taças ou tigelas, como as publicadas em Palmela (Carvalho e Fernandes, 1998, p.225), Cascais (Cardoso e Encarnação, 1990, p.50) e em Almada (Sabrosa, 1994, p.41), datáveis dos séculos XV-XVI. As caçarolas com aba horizontal a toda a volta encontram paralelo em Palmela (Carvalho e Fernandes, 1997, p.231), cronologicamente situadas entre os séculos XIII e a primeira metade do século XV. O mesmo tipo de sistema é aplicado a uma panela datada do século XIV / inícios do século XV, com «bordo em aba horizontal, saliente, com função de pega» (Carvalho e Fernandes, 1995, p.92).

Num contexto já de finais do século XV, em Lisboa, na Rua João do Outeiro, surge um tacho com «lábio curto e introvertido, com estribo exterior em aba» (Diogo e Trindade, 1998, p.261). Os tachos com bordos introvertidos, com lábio de perfil semi-circular, demarcados exteriormente por incisão profunda, que encontramos em Sesimbra, surgem noutros contextos, nomeadamente em Palmela (Carvalho e Fernandes, 1995, p.91) e Almada (Sabrosa e Santos, 1993, p.121), datando em ambos os casos dos finais do século XIV, e inícios do século XV.

Com bordos formalmente muito semelhantes aos atrás descritos, os tachos de pegas horizontais triangulares e semicirculares, também designados *frigideiras*, surgem a partir da segunda metade do século XV e no século XVI, e são considerados uma evolução das caçarolas, copiando os atributos destas e substituindo as asas laterais geminadas por pega lateral fazendo corpo com o bordo (Carvalho e Fernandes, 1998, p.232). Encontram-se em Palmela, Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999, p.203) e Montemor-o-Novo (Ribeiro, 1984).

As tigelas e os tachos com bordos espessos, introvertidos, normalmente decorados na superfície externa, são datáveis através de paralelos encontrados em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1991, p.580) e em Silves (Gomes, Gomes e Cardoso, 1996, p.42), entre os séculos XIII e XV.

O perfil típico dos cântaros dos séculos XIV a XVI tem «corpo globular alongado, ou de tendência fusiforme, assente em fundo plano», como descrito para Silves (Gomes, Gomes e Cardoso, 1996, p.52), Crato (Catarino, 1998, p.131), Almada (Sabrosa e Santos, 1993, p.118), ou os exemplares retirados da ria de

Aveiro (AlveS *et. al.*, 1998, p.196). Os bordos são verticais, o colo alto, e os lábios biselados, com paredes finas.

Os potes de bojo esférico surgem em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999, p.210) e em Silves (Gomes, Gomes e Cardoso, 1996, p.50), onde são datados dos séculos xv e xvi.

Os jarros, que identificamos como os fragmentos de bojo com decoração formada por finos cordões plásticos, encontram paralelo em Lisboa, na Rua João do Outeiro (Diogo e Trindade, 1998, p.262), onde um pequeno jarro tem dois filetes, um separando o lábio do colo, e um outro ao nível do arranque da asa, e em Almada, na Rua Henriques Nogueira (Sabrosa e Santos, 1993, p.120), onde uma bilha tem também um filete abaixo do bordo da peça. As datações oscilam entre os séculos xiv e xv, para Almada, e o final do século xv para Lisboa.

A pega com argola em cerâmica encontra correspondência num exemplar encontrado descontextualizado em Sesimbra (Carvalho, 1994, p.13). O autor refere que peça idêntica foi ainda encontrada em Palmela, na Rua de Nenhures, e que em Alcácer do Sal existem peças semelhantes, não publicadas. A datação proposta indica o século xv.

As pequenas candeias com bordo sinuoso, encontram paralelos em Palmela, na Rua do Castelo (Carvalho e Fernandes, 1995, p.91), onde um exemplar com vestígios de vidrado no exterior está datado do século xiv a inícios do século xv, e em Almada (Sabrosa e Santos, 1993, 122), também datada do século xv. Um trabalho desenvolvido em Cascais conclui que «este tipo não atinge o século xvi» (Cardoso e Rodrigues, 1991, p.575).

As gramáticas decorativas da cerâmica comum medieval não são muito variadas. Passam necessariamente pelo canelado ou estriamento, a «solução ornamental mais usada», aplicada a colos, bojós, ou à totalidade da peça (Fernandes, 2001, p.95). Outra opção são os ondulados incisos, que encontramos nos bojós ou nas abas horizontais que os precedem.

A pintura a branco, normalmente organizada em bandas é uma das mais flagrantes pervivências da influência muçulmana. Largamente aplicada à cerâmica comum de tipologia islâmica, encontra-se ainda frequentemente entre as peças fabricadas nos séculos xiii e xiv (Real, *et. al.*, 1995, p.176), mas a partir do final deste século e com o avançar do século xv, tende a desaparecer (Carvalho e Fernandes, 1995, p.89).

3. CONCLUSÕES

A historiografia e alguns achados arqueológicos esporádicos atestam a presença muçulmana em Sesimbra. No entanto, a existência de um castelo ou fortaleza árabe, que teria sido conquistada por D. Afonso Henriques, ainda não foi

comprovada pelo achado de uma estrutura ou dado mais concreto que alguns fragmentos de cerâmica islâmica, no local onde hoje se ergue o castelo gótico.

A influência muçulmana é no entanto inegável quando se observam algumas tipologias cerâmicas medievais cristãs recolhidas no castelo de Sesimbra.

Em uso desde o século XIII (assinala-se que a conquista definitiva da fortificação de Sesimbra ocorreu no último ano do século XII), só no fim do século XIV caem em desuso a cerâmica comum com decoração pintada a branco, os alguidares com decoração canelada sobre o bordo, e os «púcaros de reis». A semelhança com peças islâmicas está mais patente nos dois primeiros tipos, e chamamos a atenção para os alguidares com decoração canelada, que poderão ter constituído uma variante regional de um tipo muito difundido, detectada em contextos com ocupação islâmica confirmada (recordamos os exemplares de Alcácer do Sal e Palmela). A pintura a branco, por seu lado, foi uma das características decorativas mais marcantes de quatro séculos de cerâmica comum de produção islâmica.

Um outro conjunto de tipologias, que também terá origem no século XIII, manter-se-á presente nos contextos habitacionais portugueses até ao século XVI, ou ainda depois dele. São as panelas com bordo em aba curva, os testos, as caçarolas de aba horizontal e as tigelas ou tachos com bordo vertical ou ligeiramente introvertido e decoração sobre o bojo. Nestes, a influência islâmica está ainda patente, já não nos aspectos exteriores e óbvios, mas na sua concepção geral e funcionalidade. Os testos, por exemplo, mantêm a base plana, pega vertical e forma troncocónica, adoptando o bordo com lábio biselado, ou barbela. Panelas, caçarolas, tachos ou tigelas, externamente já distantes das congéneres dos séculos XI e XII, a sua presença na cozinha contudo, deverá corresponder à manutenção de hábitos na confecção dos alimentos.

O conjunto dos vidrados, sobretudo alguidares e panelas, incluem-se nessa manutenção de hábitos quotidianos, que não acompanham as rápidas alterações políticas. A comprovada funcionalidade destas duas tipologias, embora com variantes formais, permite-lhes uma permanência pluri-secular nos contextos habitacionais, que nenhuma outra atinge.

Os pratos e malgas vidradas, com ou sem decoração a manganês serão porventura o melhor exemplo da interacção entre o mundo muçulmano e o cristão. Os vidrados de ferro, que conferem às peças característico tom melado, são comuns nos séculos XI e XII (existem ainda em contextos anteriores), decorados com linhas de óxido de manganês que reproduzem gramáticas decorativas tipicamente islâmicas.

Datando igualmente do século XIV, as pequenas candeias de bico trilobado, jarros, cântaros e infusas em cerâmica comum deverão descender de antepassados islâmicos, embora já com características claramente medievais cristãs. O século XV e a aurora dos tempos modernos significarão o fim das duas primei-

ras tipologias, e só os cântaros e infusas conseguirão ultrapassar a barreira do século xv, reservando assim aos jarros e às candeias o papel de fóssil condutor para a cerâmica comum da Baixa Idade Média.

O final do século xiv e o início do século xv trarão consigo inovações tipológicas na cerâmica comum, como as muito difundidas panelas com bordo introvertido e lábio de aba, mais ou menos espessa, com perfil quadrangular ou retangular, os potes globulares, os pratos, os púcaros, as tigelas e um tipo de pega de çarola, muito complexa e desenvolvida, inédita até então.

As panelas são um caso exemplar de divulgação, constituindo quase sempre os exemplares mais numerosos em contextos arqueológicos medievais e modernos, e alcançando uma pervivência que as farão, através de variantes, alcançar o século xviii.

Os pratos em cerâmica comum fazem a sua aparição já no final do século xiv, e a quantidade de fragmentos detectados são uma evidência clara das alterações comportamentais e dos hábitos alimentares.

Sobretudo a pega e os pratos, mas também os potes e púcaros com evidências de utilização sobre o fogo, fazem pensar finalmente numa evolução de hábitos e práticas de cozinha que vão fechando o ciclo medieval e preparam a entrada da era moderna.

O século xv transporta consigo, enfim, um conjunto de novidades. As mais marcantes são as produções esmaltadas, como pratos e malgas esmaltados a branco, sem decoração, ou com aplicação de esmalte verde ou óxidos de cobalto azuis, ainda em motivos muito simples, com fins decorativos. Estas peças são importadas de Sevilha, num primeiro momento, e a sua enorme difusão (alcança os reinos de além-mar) justifica a instalação de oficinas em Lisboa. São sobretudo as peças mais simples, apenas com cobertura de esmalte branco, que irão alcançar maior pervivência, atingindo o século xvii.

Ainda no século xv, mas a caminho do final, surgirão novidades entre a cerâmica esmaltada. Trata-se de peças de sumptuária, importadas também de Espanha, mas da região de Valência, onde se situam os núcleos de Paterna e Manises. Daqui são importados pratos e taças com reflexo dourado, muitas vezes conjugado com pintura em azul-cobalto, e emprega-se a policromia de azul, e violeta escuro/ castanho sobre o esmalte. As pastas, à semelhança do que acontece com as produções sevilhanas, são porosas, de tonalidades claras, e a espessura das paredes pouco diminui.

Os contactos com o Oriente, subitamente mais perto com a descoberta da rota marítima do Cabo, introduzem a porcelana, e com ela uma nova tendência na cerâmica. É a partir de Itália que se iniciam os esforços para produzir as peças *alla porcelana*: melhoram-se as qualidades das pastas de modo a reduzir as espessuras das paredes, aperfeiçoam-se os esmaltes, que se tornam mais ade-

rentes e brilhantes, e adoptam-se novas gramáticas decorativas, privilegiando os motivos vegetalistas, fitomórficos, e geométricos, quase sempre em azul cobalto sobre branco. A cidade italiana de Faenza será um dos principais bastiões deste tipo de produção (as produções lusas a partir de finais do século XVI adoptarão a denominação faianças, corruptela daquele topónimo), mas não o único. Outras cidades italianas albergam olarias, que desenvolverão características decorativas que as individualizam. É o caso de Veneza, de onde provêm as peças com fundo azul muito claro, com decoração a azul mais escuro, representando gravuras, paisagens urbanas, e outras.

Mas só na segunda metade do século XVI a porcelana entrará com alguma frequência nos contextos europeus. Os custos elevados que acarretam a sua produção e sobretudo o seu transporte, vão mantê-la um produto muito apreciado, mas raro porque dispendioso. Preços altos não impediram, no entanto, que a porcelana estivesse presente no Castelo de Sesimbra, oficialmente um lugar de poucos dinheiros, despovoado e afastado das grandes rotas comerciais, segundo documentos da chancelaria de D. Pedro I, que ainda ecoam durante a visitação do Mestre da Ordem de Santiago, no século XVI.

Coincide com a divulgação da porcelana e das peças feitas à sua imagem, o fim do fabrico das peças esmaltadas a branco ainda de influência islâmica, o «tipo morisco» de Sevilha, e da região valenciana. Naquela cidade, as produções viram-se agora para a influência italianizante, adoptando as formas e temáticas decorativas importadas de Itália.

A única tipologia que logrará manter-se após a introdução da porcelana e das majólicas, muito devido às suas características funcionais, será o conjunto dos pratos e malgas esmaltados a branco, já produzidos em território nacional.

O século XVII conhecerá ainda produções que se iniciam no século XV, como os alguidares com bordo em voluta, e especialmente os tachos de pegas triangulares, que evoluirão até atingir a segunda metade do século XVIII.

Algo reduzido, muito fragmentado, bastante heterogéneo, pensamos ainda assim, estar perante um conjunto cerâmico de inegável interesse histórico e arqueológico. Deverá corresponder à ocupação de um espaço concreto (o exterior de uma possível Casa da Vereação, onde se implantou a Sondagem C), que mediará, de acordo com os resultados obtidos para a datação da cerâmica, entre o princípio do século XIV, e a primeira metade / terceiro quartel do século XVI. Mas, mais importante que traduzir uma ocupação continuada, ele materializa um longo período de transição, adaptação e introdução de novos modelos. A queda do domínio islâmico, a adaptação dos sobreviventes, a relativa manutenção de hábitos quotidianos, a imposição de novos modelos de índole medieval cristã, são realidades que se prolongam até à segunda metade do século XIV, altura em

que se inicia um novo ciclo, e o modelo muçulmano é definitivamente deixado para trás. Economia, sociedade, política e cultura sofrem novo processo evolutivo, à garupa dos Descobrimentos e da expansão ultramarina, com novos referentes que alteram necessariamente hábitos e práticas quotidianas. Os últimos sinais do Mediterrâneo são finalmente suplantados pelo apelo do Atlântico.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, F. [et. al.] (1998) – A Cerâmica dos destroços do navio dos meados do século xv, *Ria de Aveiro A e da zona Ria de Aveiro B*. Aproximação tipológica preliminar. In *2.^{as} Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 185-209
- AMARO, C. (1992) – Silos medievais do Palácio Nacional de Sintra. In *Arqueologia Medieval*. Porto. 1, p. 111-123
- CARDOSO, G.; ENCARNAÇÃO, J. (1990) – Uma sondagem de emergência no Casal do Geraldo (Estoril-Cascais). *Arquivo de Cascais*. Cascais. 9, p. 45-62.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (1991) – Alguns tipos de cerâmica do século XI a XVI encontrados em Cascais. In *A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Lisboa: Campo Arqueológico de Mértola. p. 575-586.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (1999) – Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais. *Arqueologia Medieval*. Porto. 6, p. 193-212.
- CARVALHO, A. (1993) – Cerâmicas medievais do Castelo de Sesimbra (II Parte). *Sesimbra Cultural*. Sesimbra, 3, p.18-21.
- CARVALHO, A. (1994) – Cerâmicas medievais do Castelo de Sesimbra (III Parte). *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 4, p.13-17.
- CARVALHO, A.; FERNANDES, I. (1992) – Cerâmicas esmaltadas e vidradas dos séculos XV e XVI provenientes do Castelo de Sesimbra. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 2, p.15-21.
- CARVALHO, A.; FERNANDES, I. (1995) – Cerâmicas baixo-medievais da Casa n.º4 da Rua do Castelo (Palmela). In *1as Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 77-95
- CARVALHO, A.; FERNANDES, I. (1997) – Abordagem arqueológica da Palmela medieval cristã. *Arqueologia Medieval*. Porto. 5, p. 221-241.
- CARVALHO, A.; FERNANDES, I. (1998) – Conjuntos cerâmicos pós-medievais de Palmela. In *2as Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 211-255
- CATARINO, H. (1998) – Cerâmicas Tardo-medievais / Modernas do Alto Alentejo: a escavação de um silo na vila do Crato. In *2as Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 129-135
- CORREIA, M. (2004) – Três exemplares de cerâmica azul e dourada, provenientes de Alcochete. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 645-652.
- CHORÃO, M. (2001) – Forais de Sesimbra. *Patrimonia*. Cascais. 7, Separata. p. 3-40
- FERNANDES, I. (2001) – *O Castelo de Palmela do Islâmico ao Medieval Cristão*. Lisboa: FLUL. Vol. I. Dissertação de Mestrado.
- FERREIRA, L. (2001) – Castelo de Sesimbra. Fenómeno de fronteira e povoamento do Portugal medieval. *Patrimonia*. Cascais. 7, p. 42-48.
- FERREIRA, L.; GONÇALVES, L. (2001) – O castelo de Sesimbra – Um castelo de fronteira marítima. In *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500): Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*. Lisboa: Edições Colibri; Câmara Municipal de Palmela. p. 385-388

- GOMES, R. (1988) – Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves. *Xelb*. Silves. 1
- GOMES, M.; GOMES, R. (1991) – Cerâmicas vidradas e esmaltadas dos séculos XIV, XV e XVI do Poço-Cisterna de Silves. In *A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Lisboa: Campo Arqueológico de Mértola. p. 457-490.
- GOMES, M. [et. al.] (1991) – Escavações na primitiva igreja de Nossa Senhora da Orada – Reguengos de Monsaraz (notícia preliminar). In *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: [s.n.]. p. 415-419.
- GOMES, M.; GOMES, R.; CARDOSO, J. (1996) – Aspectos do Quotidiano numa casa de Silves, durante o século xv». *Xelb*. Silves. 3, p. 33-77.
- GOMES, M.; GOMES, R. (1996) – Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV a XVI, do Poço-Cisterna de Silves. *Xelb*. Silves. 3, p. 143-205.
- GOMES, M.; GOMES, R. (1998) – Cerâmicas, dos séculos xv a XVII, da Praça Cristóvão Colombo no Funchal. In *2as Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 315-347.
- GONZALEZ MARTI, M. (1944) – *Ceramica del Levante Español. Siglos Medievales*. Loza. [S.l.]: Labor.
- JORGE, S; SERRÃO, E. (1975) – Castelo de Sesimbra, Relatório de uma Sondagem Preliminar realizada na área da antiga casa de habitação do Alcaide-Mor (princípios do século xvi). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 1, p.181-198.
- LLUBIÁ, L. (1973) – *Ceramica medieval española*. Barcelona: Labor.
- MATOS, J. (1971) – Notícia de uma colecção de cerâmica medieval do Museu Hipólito Cabaço de Alenquer. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra: Ministério da Educação Nacional. p. 571-576. Separata.
- MESTRE, J. (1991) – Olaria medieval de Beja. Contribuição para o seu estudo. In *A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Lisboa: Campo Arqueológico de Mértola. p. 565-574.
- ORDEM de Santiago, *Convento de Palmela*, livro 159. Disponível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa.
- Idem* livro 176.
- OSÓRIO, M.; SILVA, A. (1998) – Cerâmicas vidradas da época moderna no Porto. In *2as Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 283-314.
- REDMAN, C. (1986) – *Qsar es-Seghir, An Archaeological View of Medieval Life*. [S. l.]: Academic Press Inc.
- REY, A. (2000) – *Spanish Pottery 1248-1898*. Londres: V&A Publication.
- RIBEIRO, M. (1984) – Olaria de uso doméstica na arquitectura conventual do século xvi. *CADERNOS de Etnologia*. Montemor-o-Novo: Grupo dos amigos de Montemor-o-Novo. 1
- SABROSA, A.; SANTOS, V. (1993) – Cerâmica comum de silos medievais. Rua Henriques Nogueira – Almada. *Al-madan*. Almada. S II, 2, p. 116-122.
- SABROSA, A. (1994) – Cerâmicas quinhentistas do Palácio Pragana. *Al-madan*. Almada. S II, 3, p. 38-44.
- SABROSA, A.; ESPIRITO SANTO, p. (1992) – Almada medieval/ moderna, um projecto de investigação. *Al-madan* Almada. S II, 1, p. 5-12.
- SANCHEZ-PACHECO, T. [et. al.] (1981) – *Ceramica Esmaltada Española*. Barcelona: Labor.
- SANCHEZ-PACHECO, T. (1996) – *Cerâmica Espanhola dos Árabes a Miró nas colecções do Museu de Barcelona*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo.
- SERRÃO, E. (1959) – Investigações Arqueológicas na região de Sesimbra – resultado das campanhas realizadas pelo Centro de Estudos de Etnologia Peninsular. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. XVII.
- SERRÃO, E. (1967) – Prospecções Arqueológicas. *Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra*. Sesimbra. 1, p. 6-10. Suplemento de *O Sesimbrense*.

SOMÉ, P. ; HUARTE, R. (1999) – La ceramica moderna en el convento del Carmen (Sevilla). *Arqueologia Medieval*. Porto. 6, p. 160-171.

TRINDADE, L.; DIOGO, A. (1995) – Intervenção arqueológica na Travessa da Madalena, n.º18 (Lisboa). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. 3, p.67-80.

TRINDADE, L.; DIOGO, A. (1998) – Intervenção arqueológica na Rua João do Outeiro, n.ºs 36-44, na Mouraria, em Lisboa. In *2as Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 257-265.